

A educação superior da mulher, do livro *A Voice from the South: By a Black Woman of the South* (1982) de Anna Julia Cooper

The higher education of woman, of the book *A Voice from the South: By a Black Woman of the South* (1982) by Anna Julia Cooper

Anna Julia Cooper

Frelinghuysen University, Washington, Estados Unidos da América

Ingrid de Aquino Godinho (tradutora)

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Juliana Vinuto (tradutora)

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

O texto “A educação superior da mulher”, de Anna Julia Cooper, publicado originalmente no livro *A Voice from the South: By a Black Woman of the South* (1892), apresenta uma defesa contundente da importância do acesso das mulheres, especialmente mulheres negras, ao ensino superior. Cooper, a partir de uma análise crítica das limitações históricas impostas às mulheres na educação, argumenta que o avanço intelectual, moral e espiritual das mulheres contribui diretamente para o progresso da sociedade como um todo. A autora contesta discursos patriarcais e racistas que legitimaram a exclusão feminina da vida intelectual, com o resgate de experiências históricas de mulheres instruídas desde a Antiguidade até o século XIX. O texto também denuncia a desigualdade de oportunidades vivida por mulheres negras nas instituições de ensino e conclama à ação efetiva para ampliar o acesso e permanência dessas mulheres nas universidades. Embora escrito no século XIX, o ensaio permanece atual ao problematizar a intersecção entre raça, gênero e educação, sendo pioneiro na formulação de ideias que mais tarde fundamentaram os estudos da interseccionalidade. Neste texto, traduzido pela primeira vez para o português, é possível perceber as potencialidades, os limites e as idiossincrasias do argumento de Cooper, o que nos ajuda a compreender os embates intelectuais de sua época.

Palavras-chave: Anna Julia Cooper, Ensino Superior, Feminismo Negro, Interseccionalidade, Sociologia Clássica.

Recebido em 20 de fevereiro de 2025.

Aceito em 14 de julho de 2025.

ABSTRACT

Anna Julia Cooper's text "The Higher Education of Woman," originally published in the book *A Voice from the South: By a Black Woman of the South* (1892), presents a compelling defense of the importance of women's access, especially black women, to higher education. Cooper, through a critical analysis of the historical limitations imposed on women in education, argues that the intellectual, moral, and spiritual advancement of women directly contributes to the overall progress of society. The author challenges patriarchal and racist discourses that legitimized the exclusion of women from intellectual life, while recovering historical experiences of educated women from Antiquity to the 19th century. The text also denounces the inequality of opportunities faced by Black women in educational institutions and calls for effective action to expand their access and permanence in universities. Although written in the 19th century, the essay remains relevant for its engagement with the intersections of race, gender, and education, and stands as a pioneering work in the formulation of ideas that would later shape intersectionality studies. In this text, translated for the first time into Portuguese, one can observe the potentials, limitations, and idiosyncrasies of Cooper's arguments, which help illuminate the intellectual debates of her time.

Keywords: Higher education; Anna Julia Cooper; Black feminism; Women's education; Intersectionality.

O ENSINO SUPERIOR DAS MULHERES

No primeiro ano do nosso século, o ano de 1801, apareceu em Paris um livro de Sylvain Marechal, intitulado *A mulher deve aprender o alfabeto?*. O livro propõe uma lei que proíba o ensino do alfabeto às mulheres, e cita autoridades variadas e de peso para provar que a mulher que conhece o alfabeto já perdeu parte de sua feminilidade. O autor declara que a mulher só poderia usar o alfabeto como Molière previu como ela faria, ao soletrar o verbo *amo*; para que não tenha a ocasião de ler o *Ars Amoris* de Ovídio, uma vez que este já é o fundamento e o limite do seu fornecimento intuitivo; que Madame Guion teria sido muito mais adorável se tivesse permanecido uma bela ignorante como a natureza a fez; que Rute, Noemi, a mulher espartana, as Amazonas, Penélope, Andrômaca, Lucrecia, Joana d'Arc, Laura de Petrarca, as filhas de Carlos Magno, não sabiam soletrar seus nomes; enquanto Safo, Aspásia, Madame de Maintenon e Madame de Stael sabiam ler demasiado bem para o seu próprio bem; finalmente que, se as mulheres pudessem ler Sófocles e trabalhar com logaritmos, ou mordiscar qualquer lado da maçã do conhecimento, haveria um fim eterno na costura de botões e o bordado de

chinelos. Por favor, lembrem-se que este livro foi publicado no início do século XIX. No final do seu primeiro terço (no ano de 1833), uma solitária faculdade na América decidiu admitir mulheres no seu recinto sagrado e organizou o que foi chamado de “Curso para Senhoras”, além do curso regular de B. A.¹ ou curso de Cavalheiros.

Foi sentido como um experimento – um experimento bastante perigoso – e foi adotado com medo e tremor pelos bons pais, que pareciam ter sido apanhados misturando secretamente compostos explosivos e esperavam, com culpa, ver a cada momento as fundações sob eles abaladas e rasgadas e sua bela superestrutura despedaçada em fragmentos.

Mas as garotas vieram e não houve qualquer perturbação. Desempenharam suas tarefas com modéstia e inteligência. De vez em quando, uma ou duas escolhiam o curso dos cavalheiros. Ainda não houve colapso, e os queridos, cuidadosos, escrupulosos e assustados professores estavam apenas tirando seus corações da garganta e preparando-se para respirar livremente, quando descobriram que teriam que mudar os nomes desses cursos, pois havia tantas mulheres no curso de cavalheiros como no de senhoras, e um curso distinto de senhoras, inferior em âmbito e objetivo ao curso clássico regular, não existia e nem podia existir.

Outras faculdades gradualmente se alinharam e hoje existem 198 faculdades para mulheres, e 207 faculdades e universidades coeducacionais nos Estados Unidos que oferecem o grau de B. A. para mulheres, enviando anualmente para as artérias desta nação um fluxo quente e rico de mulheres fortes, corajosas, ativas, enérgicas, bem equipadas e atenciosas – mulheres rápidas em ver e ansiosas para ajudar esse mundo necessitado, mulheres que pensam e sentem e que não sentem menos porque pensam, mulheres que não são menos ternas e verdadeiras pelo pergaminho que trazem nas mãos, mulheres que deram um mais rico, mais nobre e mais grandioso significado à palavra “mulher” do que qualquer definição masculina unilateral jamais poderia ter sugerido ou inspirado, mulheres que o mundo esperou durante muito tempo, com dor e angústia, até que finalmente se acrescentasse às suas forças e se permitisse permear o seu pensamento como complemento a influência masculina que dominou durante catorze séculos.

Desde que a ideia de ordem e subordinação sucumbiu à força e brutalidade bárbaras no século V, o mundo civilizado tem sido como uma criança educada pelo pai. Precisou do grande coração materno para o ensinar a ser piedoso, amar a misericórdia, socorrer os fracos e cuidar dos humildes.

De onde veio essa apoteose de ganância e crueldade? De onde vem essa sorrateira admiração que todos nós temos pelos valentões e pelos competidores? De onde vem a autocongratulação das raças “dominantes”, como se “dominante” significasse “justo” e

¹ Nota de Tradução (N. T.): O curso de B.A. (Bachelor of Arts) é uma graduação universitária em áreas como artes, humanidades ou ciências sociais.

trouxesse consigo um título para herdar a terra? De onde vem o desprezo das chamadas raças e indivíduos ditos fracos ou não guerreiros, e a certeza muito confortável de que o seu destino manifesto é serem exterminados como vermes perante esta civilização que avança? Como se a posse das graças cristãs da mansidão, da não-resistência e do perdão fossem incompatíveis com uma civilização que se professa baseada no cristianismo, a religião do amor! Escutem um pouco deste orgulho bárbaro:

Quanto aos Extremo-Orientais, não estão entre os que sobreviverão. Artísticos e atraentes que são, sua civilização é como a sua própria flores de árvore, belas flores destinadas a nunca dar frutos. Se esse povo continuar no seu antigo rumo, a sua carreira terrena estará encerrada. Tão certo como a manhã passa para a tarde, também estas raças do Extremo Oriente, se não mudarem, estão destinadas a desaparecer diante do avanço das nações do Ocidente. Desaparecerão da face da terra, e deixarão o nosso planeta a posse final dos habitantes de onde o dia declina. A menos que as suas ideias recém-importadas se enraízem de fato, é deste mundo inteiro que os japoneses e os coreanos, assim como os chineses, serão inevitavelmente excluídos. O seu Nirvana já sendo realizado; já envolveu a Ásia do Extremo Oriente no seu lençol sinuoso. *Soul of the Far East* – P. Lowell.

Deliciosa reflexão para “os habitantes onde o dia declina”. Um espetáculo para fazer rir os deuses, ver o descendente de uma raça emergente a sua caneta generalizadora, a aniquilar um terço dos habitantes do globo terrestre – um povo cuja civilização já era antiga antes que os elementos que geraram a sua raça tivessem avançado para além da nebulosidade.

Como nós, ocidentais, somos parecidos com o Tiago de Longfellow²! Nas poucas centenas de anos que tivemos para percorrer o território que nos foi atribuído e aproveitar o sol da tarde, imaginamos ter esgotado as possibilidades da humanidade. Na verdade, nós somos o povo, e depois de nós não há outro. O nosso Deus é o poder, a força, nosso padrão de excelência, herdado dos antepassados bárbaros através de uma longa linhagem de progenitores masculinos, a Lei Sálica que não permite modificações femininas.

Diz um deles: “O chinês³ não é popular entre nós, e não gostamos do negro. Não é que os olhos de um sejam oblíquos, e o outro seja de pele escura; mas o chinês, o negro é fraco – e os anglo-saxões não gostam de fraqueza”.

O mundo do pensamento, sob a influência predominante do homem, não é amolecido e não é controlado por sua força complementar, se tornaria como a quarta besta de Daniel: “assustador e terrível, e muito forte”; “tinha grandes dentes de ferro; devorava e fazia em pedaços, e pisava nos restos com os seus pés” e os mais independentes de nós acha-se, porvezes,

2 N.T: Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882) foi um poeta estadunidense.

3 N.T: No texto, Cooper usa o termo “Chinaman”, que atualmente é definido como pejorativo ao rotular qualquer pessoa nativa ou descendente da Ásia Oriental, homogeneizando diversas nacionalidades.

prontos para cair e adorar esta encarnação do poder.

A Sra. Mary A. Livermore⁴, uma mulher que só posso mencionar para a admirar, há algumas semanas, quase abalou a minha fé na minha teoria da missão da mulher pensante de colocar o acorde terno e simpático na grandiosa sinfonia da natureza e contrariar, ou melhor, harmonizar o diapasão da mera força e poder. Ela falava do gênio anglo-saxônico para o poder e do seu desprezo pela fraqueza, e descrevia uma cena em São Francisco em que foi testemunha.

O animal incorrigível, conhecido como o rapazinho americano, tinha atacado um chinês simples e inofensivo, que levava seu trabalho para casa e esvaziara na vala o conteúdo bem lavado do seu cesto. “E”, disse ela, “quando aquele grande homem se levantou e chorou perante aquela multidão de marginais sem lei, a qualquer um dos quais podia ter dado uma lição com os seus dois punhos, *não me importei muito*”.

Isto é dito como um homem! É muito duro. Cheira a adoração da besta. É o desprezo pela fraqueza e, fora do seu contexto, parece contradizer a minha teoria. Ou mostra que um dos maiores expoentes do ensino superior pode, por vezes, não ser fiel aos instintos que atribui à mulher pensante e à contribuição que ela deve dar ao mundo civilizado, ou então a influência que ela exerce sobre a nossa civilização pode ser potente sem ser necessariamente sempre direta e consciente. Este último é o caso. Sua voz pode tocar uma nota falsa, mas todo o seu ser é musical com as vibrações do sofrimento humano. Sua língua pode papaguear os conceitos frios que algum homem lhe ensinou, mas o seu coração brilha de simpatia e bondade amorosa, e ela não pode ser fiel ao seu verdadeiro ser sem entregar esses elementos para as forças do mundo.

Ninguém corre o risco de imaginar Marco Antônio como “um homem simples e sem rodeios” nem Cássio um homem sincero – sejam quais forem os discursos que possam fazer.

Como indivíduos, estamos constantemente e inevitavelmente, quer estejamos conscientes disso ou não, a dar nosso verdadeiro eu nos nossos vários pequenos mundos, acrescentando inexoravelmente o nosso verdadeiro raio ao fluxo de luz das estrelas, independentemente das nossas profissões e dos nossos disfarces; e assim, no mundo do pensamento, a influência da mulher pensante transcende de longe a sua fraca declamação e pode parecer, por vezes, até oposta a ela.

Uma vez, um visitante em Oberlin disse à diretora: “Não há ralé em Oberlin? Como é que eu não vejo polícia aqui e, no entanto, as ruas são tão calmas e ordenadas como se houvesse um agente da lei em cada esquina?”. A Sra. Johnston respondeu: “Oh, sim; há pessoas perversas em Oberlin, tal como noutras cidades. – Mas as nossas garotas são a nossa polícia”.

Com quinhentas a dez centenas de jovens de espírito puro a percorrer as ruas da aldeia

4 N.T: Mary A. Livermore (1820-1905) foi uma jornalista estadunidense, abolicionista e defensora dos direitos das mulheres.

sem vigilância todas as noites, o vício deve desaparecer como a geada diante do sol nascente: e ainda assim, arrisco-me a dizer que não havia uma em cem dessas garotas que não teria fugido de uma briga de rua como fugiria de um rato, e que não declarasse que nunca poderia suportar a visão de sangue e pistolas.

Há, portanto, uma influência real e especial da mulher. Uma influência sutil e muitas vezes involuntária, uma influência tão intimamente entrelaçada, tão intrincadamente interpenetrada pela influência masculina da época, que muitas vezes é difícil desemaranhar as delicadas malhas, analisar e identificar as fibras. E, no entanto, sem essa influência – enquanto a mulher se sentar com os olhos enfaixados e mãos algemadas, presas nas garras da ignorância e da inação, o mundo do pensamento movia-se na sua órbita como as revoluções da lua; com uma face (a do homem) sempre para fora, de modo que o espectador não podia distinguir se era disco ou esfera.

Agora afirmo que é a prevalência do Ensino Superior entre as mulheres, o fato de tornar comum no cotidiano das mulheres o raciocínio, o pensar e exprimir seu pensamento, a formação e o estímulo que permitem e encorajam as mulheres a administrar ao mundo o pão de que ele precisa, bem como o açúcar que ele pede; em suma, é a transmissão das forças potenciais da sua alma em fatores dinâmicos que deram simetria e completude aos organismos do mundo. Só assim se poderia consumir que a Misericórdia, a lição que ela ensina, e a Verdade, a tarefa que o homem se propôs, deveriam encontrar-se: que a justiça, ou *retidão*, o ideal do homem, e a paz, sua necessária ‘outra metade’, se beijassem.

Devemos agradecer ao esclarecimento geral e à independência da mulher (que podemos agora considerar como um fato consumado) que essas duas forças estão atualmente em ação no mundo, e é justo exigir delas para o século XX um tipo de civilização mais elevada do que o alcançado no século XIX. A religião, a ciência, a arte, a economia, todas elas precisam do sabor feminino; a literatura, a expressão do que é permanente e melhor em todas elas, pode ser medida a qualquer momento para medir a força do ingrediente feminino. Não encontrarão a teologia a entregar as crianças a lagos de fogo inextinguível, muito depois de as mulheres terem tido a oportunidade de apreender, dominar e manejar os seus dogmas. Não encontrará a ciência aniquilando a personalidade do governo do universo e fazendo de Deus uma força física ingovernável, ininteligível, cega e muitas vezes destrutiva; você não encontrará jurisprudência formulando como um axioma o absurdo de que o homem e a mulher são um, e que um é o homem – que a mulher casada não pode possuir ou legar sua própria propriedade exceto se sob a direção do marido; não encontrarão economistas políticos declarando que o único ajuste possível entre trabalhadores e capitalistas é o do egoísmo e da audácia – que cada um deve obter tudo o que pode e ficar com tudo o que obtém, enquanto o mundo grita *laissez faire* e os advogados explicam: “é o belo funcionamento da lei da oferta e da procura”; em suma, não encontrareis a lei do amor excluída dos assuntos dos homens depois que a metade feminina da

verdade do mundo estiver concluída.

Não, ponha agora seu ouvido perto do pulso do tempo. Qual é a nota chave da literatura destes dias? Qual é o grito de guerra de todas as atividades da última meia década? Qual é a sétima dominante que vai dar riqueza e o tom às cadências finais deste século e conduzir, por uma grande modulação, às harmonias triunfantes do próximo? Não será a compaixão pelos pobres e infelizes e, como Bellamy expressou, “clamor indignado contra o fracasso da máquina social como ela é, para melhorar as misérias dos homens!”. Até mesmo o cristianismo está sendo levado ao tribunal da humanidade e julgado pelo padrão de sua capacidade de aliviar o sofrimento do mundo e clarear e iluminar sua miséria. Que outro significado pode ter o triste protesto de Matthew Arnold⁵: “Não podemos viver sem o cristianismo”, gritou ele, “e não o podemos suportar tal como está”.

Quando houve uma época em que tanto tempo e tanto pensamento, tanto dinheiro e trabalho foram dados aos pobres de Deus e aos inválidos de Deus, aos humildes e os não amáveis, os pecadores e os sofredores – lares para embriagados e para lunáticos, abrigo para idosos e abrigo para bebês, hospitais para doentes, escoras para os que caem, prisões reformatórias e reformatórios prisionais, tudo mostra que uma influência “maternal” de alguma fonte está fermentando a nação.

Agora, por favor, entendam-me. Não peço que vocês admitam que esses benefícios e virtudes são posse exclusiva de mulheres, ou mesmo que as mulheres sejam suas principais e únicas defensoras. Pode ser um homem que as formula e as torna públicas. Pode ser, e muitas vezes é, um homem que chora pelos erros e luta para os melhorar, mas esse homem absorveu esses impulsos de uma mãe e não de um pai e está simplesmente materializando e devolvendo ao mundo, de forma tangível, o amor e a ternura ideais, devoção e cuidado que acarinharam e nutriram o período indefeso da sua própria existência.

Tudo o que afirmo é que existe um lado feminino e um lado masculino da verdade; que estes estão relacionados não como inferior e superior, não como melhor e pior, não como mais fracos e mais fortes, mas como complementos num todo necessário e simétrico. Que assim como o homem é mais nobre na razão, a mulher é mais rápida na simpatia. Que assim como ele é incansável na busca da verdade abstrata, ela é incansável no cuidado dos interesses do caminho, esforçando-se com ternura e amorosamente para que nenhum dos menores desses ‘pequeninos’ pereça. Que, embora não raro vejamos mulheres que raciocinem, dizemos, com a frieza e precisão de um homem, e homens tão atentos ao desamparo quanto uma mulher, ainda há um consenso geral da humanidade de que uma característica é essencialmente masculina e a outra é peculiarmente feminina. Que ambos são necessários para a formação das crianças,

5 N.T: Matthew Arnold (1822-1888) foi um poeta e crítico britânico defensor da democratização da educação.

para que nossos rapazes possam complementar a sua virilidade com ternura e sensibilidade e as garotas possam completar a sua delicadeza com força e autoconfiança. Que, como ambos são igualmente necessários para dar simetria ao indivíduo, assim uma nação ou uma raça degenerará em emocionalismo, por um lado, ou na intimidação, por outro, se for dominada exclusivamente por um deles; por último, e mais enfaticamente, que o fator feminino só pode ter seu efeito adequado por meio do desenvolvimento e da educação da mulher para que ela possa, de forma adequada e inteligente, imprimir a sua força nas forças do seu tempo, e adicionar sua modéstia às riquezas do pensamento do mundo.

Porque a causa da mulher é a do homem: eles sobem ou afundam Juntos, anões ou divinos, unidos ou livres:

Pois ela que do Lete⁶ escala com o homem

Os passos brilhantes da natureza, partilha com o homem Suas noites, seus dias, caminha com ele para uma meta. Se ela for pequena, de natureza leve, miserável,

Como é que os homens podem crescer?

*** Deixa-a fazer-se ela própria

Para dar ou guardar, para viver, aprender e ser Tudo o que não prejudique a distinta feminilidade. Pois a mulher não é um homem não desenvolvido Mas diversa: nós podemos fazê-la como o homem

O doce amor seria morto; seu vínculo mais querido é este, Não é igual para igual, mas igual na diferença.

Mas, com o passar dos anos, mais parecidos devem ficar; O homem será mais mulher, ela mais homem;

Ele ganha em doçura e em altura moral,

e não perderá a força de luta que lança o mundo;

Ela a amplitude mental, nem falhar no cuidado infantil, Nem perde a infantilidade na mente maior;

Até que, por fim, ela se colocou ao serviço do homem, como música perfeita para palavras nobres.

Argumentarão, talvez, e com razão, que o ensino superior para as mulheres não é uma ideia moderna e que, se esse é o meio de libertar e revigorar a força feminina há muito desejada no mundo, já teve e deveria, no passado, ter produzido alguns desses efeitos brilhantes. Safo, a brilhante e doce cantora de Lesbos, “a Safo de coroa violeta, pura, docemente sorridente”, como lhe chama Alceu, cantava suas letras e derramou a sua alma quase seis séculos antes de Cristo, em notas tão cheias e livres, tão apaixonadas e eloquentes como fizeram Arquíloco ou Anacreonte.

Aspásia, a mais antiga rainha da sala de visitas, um século mais tarde, serviu para o entretenimento intelectual de Sócrates e dos principais filósofos do seu tempo. De fato, a ela é atribuída, pelos melhores críticos, a autoria de um dos mais notáveis discursos proferidos por

6 N.T: Na mitologia Grega, Lete era considerado o rio do esquecimento de Hades, onde a água era bebida pelos mortos para esquecerem suas experiências na terra.

Péricles.

Mais tarde, durante o período Renascentista, as mulheres eram professoras de matemática, física, metafísica e línguas clássicas em Bolonha, Pavia, Pádua e Brescia. Olympia Fulvia Morata, de Ferrara, uma personagem muito interessante, cuja magnífica biblioteca foi destruída em 1553 na invasão de Schweinfurt por Alberto de Brandeburgo, tinha adquirido uma educação muito vasta. Dizem que esta maravilhosa garota deu conferências sobre temas clássicos no seu décimo sexto ano de vida, e já antes disso tinha escrito vários poemas gregos e latinos muito notáveis e, o que também é pertinente, ela se casou com um professor de Heidelberg, tornando-se sua ajudante.

É verdade, portanto, que o ensino superior para as mulheres – de fato, a mais elevada a que o mundo alguma vez assistiu – pertence ao passado, mas devemos lembrar que só era possível, até meados do nosso século, apenas para algumas selecionadas e que, antes disso, as modas e tradições da época eram todas contra. Não só não havia estímulos para encorajar as mulheres a tirar o máximo partido dos seus poderes e a acolher o seu desenvolvimento como uma agência útil no progresso da civilização, mas as suas pequenas aspirações, quando as tinham, eram arrefecidas e desprezadas em embrião, e qualquer tentativa de pensamento era recebida como uma monstruosa usurpação da prerrogativa do homem.

Lessing⁷ declarou que “a mulher que pensa é como o homem que se veste de vermelho, ridículo”. E Voltaire, em sua maneira grosseira e irreverente, costumava dizer: “As ideias são como as barbas – as mulheres e os meninos não têm nenhuma”. Dr. Maginn observou: “Gostamos de ouvir algumas palavras de bom senso de uma mulher, às vezes, como de um papagaio – são tão inesperadas!”. E até o piedoso Fenelon ensinava que a delicadeza das virgens é quase tão incompatível com o saber quanto com o vício.

O fato de a mulher comum se ter retirado perante estes eixos de sagacidade e ridículo e até se glorificasse em sua ignorância, não é surpreendente. O Abade Choisi, é dito, elogiava a Duquesa de Fontanges como sendo bonita como um anjo e tola como um ganso, e todas as jovens da corte se esforçaram por compensar em loucura o que lhes faltava em encantos. O ideal da época era que “as mulheres devem ser bonitas, vestir-se bem, flertar bem e não estar bem informada”, que era o *summum bonum* das suas esperanças terrenas ter, como diz Thackeray, “todos os companheiros a lutar para dançar com ela”, que ela não tinha um destino dado por Deus, nenhuma alma com anseios insaciáveis e possibilidades inesgotáveis, nenhuma obra sua para fazer e dar ao mundo – nenhum valor absoluto e inerente, nenhum dever para consigo mesma, transcendendo todo o prazer que possa ser exigido de um mero brinquedo. Seu valor

7 N.T: Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) foi um poeta, dramaturgo e filósofo alemão, conhecido por sua crítica ao antissemitismo e sua defesa da tolerância religiosa.

era puramente relativo e devia ser estimado, como o são as artes plásticas, pelo prazer que dão. “A mulher, o vinho e a canção”, como “as melhores dádivas do mundo para o homem”, eram unidos em louvor com tão pouco pensamento do primeiro dizendo “O que você faz?”, como se o vinho e as canções devessem declarar: ‘Precisamos cuidar dos negócios de nosso Pai’.

Os homens acreditavam, ou fingiam acreditar, que a grande lei do desenvolvimento próprio era obrigatória apenas para a sua metade da família humana; que, embora fosse o fim principal do homem glorificar a Deus e pôr seus cinco talentos à disposição dos cambistas ganhando com isso outros cinco, era, ou deveria ser, o único fim da mulher glorificar o homem e embrulhar decentemente o seu eu em um guardanapo, sendo uma “senhora de Hezekiah Smith⁸ durante a sua vida natural e uma relíquia de Hezekiah Smith na sua lápide”; que a educação superior era incompatível com a forma do cérebro feminino e que, mesmo que pudesse ser adquirida deveria inevitavelmente dessexualizar a mulher, destruindo as criaturas balbuciantes, pegajosas, ternamente indefesas e ternamente dependentes, pelas quais os homens pensariam tão heroicamente e tão galantemente lutar por elas, e dando em seu lugar uma formidável raça de meias azuis com anéis de saca-rolhas e outras propensões de solteirona.

Mas estas são ideias do século XVIII. Vimos como o pêndulo oscilou no nosso século atual. Os homens do nosso tempo pediram, com Emerson, “que a mulher apenas nos mostrasse como pode ser melhor servida”; e a mulher respondeu: a chance da semente e do animal é tudo o que peço – a oportunidade de crescimento e desenvolvimento, a permissão para ser fiel às aspirações da minha alma sem incorrer no flagelo da sua censura e ridículo.

“*Audetque viris concurrere virgo*”⁹. Na cultura da alma, a mulher atreve-se finalmente a competir com os homens, e podemos citar Grant Allen¹⁰ (que certamente não pode ser suspeito de defender a dessexualização da mulher) como exemplo do efeito alargado desta competição nas ideias, pelo menos, dos homens da época. Ele diz em seu *Plain Words on the Woman*

8 N.T: Hezekiah Bradley Smith (1816-1887) foi membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, além de uma figura importante para a indústria estadunidense. A referência à sua “senhora”, Eveline Smith, ocorre porque, apesar de terem se casado em uma cerimônia civil, Smith se separou unilateralmente de sua esposa. Em 1847 Eveline Smith se mudou com sua filha devido a uma epidemia de escarlatina. Ainda distantes, em 1854, Hezekiah Smith conheceu Agnes Mitilda Gilkerson, com quem teve posteriormente um relacionamento extraconjugal. Alguns anos depois, em 1861, Hezekiah pediu o divórcio, mas Eveline recusou-se a concedê-lo, o que não significou nada para seu então esposo: este transferiu a propriedade da casa para o nome de solteira de sua esposa, além de abrir uma conta bancária para ela, também com seu nome de solteira. A lápida mencionada por Cooper não faz menção a Eveline Smith ou a Agnes Mitilda Gilkerson. Para mais informações, ver: <https://pt.findagrave.com/memorial/6938462/hezekiah-bradley-smith>. Acesso em: 2 fev. 2025.

9 N.T: Este é um trecho original do livro “*Eneida*” de Virgílio. Essa frase faz referência à personagem Pentesileia, rainha amazona que mesmo em aparente igualdade com o gênero masculino, estaria um grau abaixo de um homem apenas por ser mulher.

10 Charles Grant Blairfindie Allen (1848-1899) foi um romancista canadense. Era agnóstico e socialista e foi apoiador da teoria da evolução.

Question, publicado recentemente:

A posição da mulher não era [no passado] uma posição que pudesse suportar o teste do escrutínio do século XIX. A sua educação era inadequada, o seu estatuto social era humilhante, o seu poder político era nulo, as suas queixas práticas e pessoais eram inumeráveis; acima de tudo, as suas relações com a família – com os seus maridos, os seus filhos, os seus amigos, a sua propriedade – eram simplesmente insuportáveis.

E ainda:

Como um corpo, nós “homens avançados” estamos, penso eu, preparados para reconsiderar, e reconsiderar fundamentalmente, sem preconceitos ou equívocos, toda a questão da relação entre os sexos. Estamos prontos para fazer quaisquer modificações nessas relações que satisfaçam a justa aspiração da mulher à independência pessoal, ao desenvolvimento intelectual e moral, à cultura física, à atividade política e a uma voz na organização dos seus próprios assuntos, tanto domésticos como nacionais.

Isto é suficientemente magnânimo, certamente; é um grande passo em relação à pregação do século XVIII, não é? A educação superior da mulher certamente desenvolveu os homens; vejamos o que fez pelas mulheres.

Matthew Arnold¹¹, durante sua última visita à América, em 1982 ou 1983, deu uma conferência em uma certa faculdade mista do Oeste. Depois da conferência ele comentou, com alguma surpresa, a uma professora, que as jovens da sua audiência, como reparou, “prestaram tanta atenção como os homens, durante todo o tempo”. Isto levou, claro, a uma discussão animada sobre o ensino superior para mulheres, durante a qual ele disse à sua interlocutora entusiasta, olhando-a filosoficamente através dos seus óculos ingleses: “Mas-eh-você não acha que isso-eh-estraga as chances delas, sabe!”

Agora, quanto ao resultado para as mulheres, este é o argumento mais sério já utilizado contra o ensino superior. Se interfere no casamento, a formação clássica tem uma grave objeção a pesar e a responder. Pois eu concordo com o Sr. Allen pelo menos neste ponto, que deve haver casamento e doação no casamento até o fim dos tempos.

Lhe asseguro que o desenvolvimento intelectual, com a autossuficiência e a capacidade de ganhar a vida que ele proporciona, torna a mulher menos dependente da relação matrimonial para apoio físico (que, aliás, nem sempre a acompanha). Ela também não é obrigada a olhar para o amor sexual como a única sensação capaz de dar tom e prazer, movimento e vigor à vida que leva. O seu horizonte alarga-se. As suas simpatias alargam-se, aprofundam-se e multiplicam-se. Ela está mais em contato com a natureza. Nem um botão que se abre, nem uma gota de orvalho, nem um raio de luz, nem uma explosão de nuvens ou um relâmpago, mas aumenta a expansão e

11 N.T: Ver nota de rodapé 5.

o entusiasmo da sua alma. E se o sol de uma paixão absorvente se põe, ainda assim é a noite que traz as estrelas. Ela tem permanecido na luz suave, menos intrusiva, mas nem por isso menos encantadora e inspiradora da amizade, e no seu círculo encantado ela pode reunir o melhor que o mundo conheceu. Ela pode comungar com Sócrates sobre o daimon que ele conheceu e do qual ela também pode dar testemunho; ela pode deleitar-se com a majestade de Dante, a doçura de Virgílio, a simplicidade de Homero, a força de Milton. Ela pode ouvir pulsações do coração pulsante da alma enclausurada da apaixonada Safo, enquanto ela bate as suas asas feridas contra as grades da prisão e luta para voar para o éter do Céu, e os fogos da sua própria alma grita enquanto ela ouve. “Sim; Safo, eu sei tudo; eu sei tudo.” Aqui, finalmente, pode haver comunhão sem suspeitas; amizade sem mal-entendidos; amor sem ciúmes.

Temos de admitir então que o quadro de Byron, quer seja uma coisa bela ou não, desvaneceu-se da tela dos nossos dias.

“O amor do homem”, escreveu ele, “é uma coisa à parte da vida do homem, É toda a existência da mulher.
O homem pode ir à corte, ao campo, à igreja, ao navio e ao mercado, Espada, vestido, ganho, glória oferecem em troca.
O orgulho, a fama, a ambição, para encher o seu coração – E poucos são os que não podem afastá-los.
Os homens têm todos esses recursos, nós apenas *um* – *amar de novo e ser novamente desfeito.*”

Isso pode ter sido verdade quando foi escrito. *Não é verdade hoje em dia.* A vida antiga, subjetiva, estagnada, indolente e miserável da mulher se foi. Ela tem tantos recursos como os homens, tantas atividades que lhe chamam a atenção. À medida que grandes possibilidades crescem e inspiram seu coração. Agora, então, isso destrói ou diminui a sua capacidade de amar?

Seus padrões subiram, sem dúvida. A necessidade de especular em “chances” provavelmente mudou. A questão agora não é com a mulher: “Como é que eu vou me restringir, atrofiar, simplificar e anular de modo a me tornar elegível para a honra de ser engolida por um homenzinho qualquer?”, mas o problema, penso eu, agora está com o homem, na forma como ele pode desenvolver os seus poderes dados por Deus de modo a atingir o ideal de uma geração de mulheres que exigem as mais nobres, grandiosas e melhores realizações de que ele é capaz; e este é certamente o único ajuste justo e natural das oportunidades. A natureza nunca quis que os ideais e padrões do mundo fossem anões e minimizadores, e os homens devem nos agradecer por exigirmos deles os frutos mais ricos que podem cultivar. Se isso os faz trabalhar, tanto melhor para eles.

Quanto à adaptabilidade da mulher instruída à relação matrimonial, citarei simplesmente aquele excelente simpósio de mulheres instruídas que apareceu recentemente sob a assinatura

da Sra. Armstrong em resposta às “*Plain Words*” do Sr. Allen, já referidas. “Não admitindo mais qualquer questão quanto à sua igualdade intelectual com os homens que encontram, com a simplicidade da força consciente, elas tomam o seu lugar ao lado dos homens que as desafiam, e enfrentam destemidamente o resultado das suas ações. Negam que a sua educação as incapacite de alguma forma para o dever da esposa e da maternidade, ou que torne estas condições menos atrativas para elas do que para o tipo de mulher doméstica. Pelo contrário, defendem que o seu conhecimento de fisiologia as torna melhores mães e donas de casa; o seu conhecimento de química torna-as melhores cozinheiras; enquanto que seu treinamento em outras ciências naturais e em matemática, obtêm uma exatidão e imparcialidade que lhes é de grande valor quando lidam com os seus filhos ou empregados”.

Tanto para a vontade deles. Ora, a maçã pode ser boa para comer e agradável aos olhos, e um fruto a ser desejado para nos tornar sábios. Não, pode até lhes garantir que não tem qualquer aversão a ser provada. No entanto, se não gostarmos do sabor, todas essas recomendações não são nada. A mulher intelectual é desejável no mercado matrimonial?

Isto eu não posso responder. Confesso minha ignorância. Não sou um juiz dessas coisas. Disseram-me que as mulheres de espírito forte podem ser, quando acham que vale a pena, bastante suportáveis e, a julgar pelo número de nomes femininos que encontro nos catálogos das universidades entre as ex-alunas com duplo patronímico, suponho que um bom número de homens está dispostos a suportá-las.

Agora, gostaria que a minha tarefa terminasse aqui. Depois de ter demonstrado que uma grande carência do mundo no passado foi uma força feminina; que essa força só pode ter o seu efeito pleno através do desenvolvimento sem entraves da mulher; que esse desenvolvimento, embora a entregue ao mundo e à civilização, não a retira necessariamente do lar e da lareira; finalmente, que embora os últimos séculos tenham testemunhado exemplos esporádicos deste crescimento superior, foi ainda reservada para a segunda metade do século XIX a tarefa de o tornar suficientemente comum e geral para ser eficaz; Eu poderia terminar com uma previsão brilhante do que o século XX pode esperar desta herança de forças gêmeas – o masculino, desgastado e cansado como um veterano sombrio após séculos de guerra, mas ainda forte, ativo e vigoroso, pronto a ajudar com a sua experiência duramente conquistada, a jovem recruta, regozijando-se com a sua liberdade recém-encontrada, que tão confiantemente coloca a sua mão na dele com promessas mútuas de redimir as eras.

“E assim os dois sobre as saias do Tempo,
sentam-se lado a lado, plenos de todos os seus poderes, distribuindo a colheita,
semeando o vir a ser,
auto reverentes cada um e reverenciando cada um.”

Gostaria de segui-los, mas o dever está mais perto de casa. O alto nível das generalidades

é sedutor, mas a minha pena está dedicada a uma causa especial – com uma visão de maiores esclarecimentos sobre as realizações do século para a educação superior das mulheres de cor, escrevi há alguns dias às faculdades que admitem mulheres e perguntei quantas mulheres de cor tinham completado o curso B. A. em cada uma delas durante toda a sua história. Estes são os números que recebi: Fisk lidera com doze; Oberlin vem em seguida com cinco; Wilberforce, quatro; Ann Arbor e Wellesley três cada, Livingstone duas, Atlanta uma, Howard, até agora, nenhuma.

Perguntei então ao diretor da Washington High School quantas, de um grande número de formadas da sua escola, tinham optado por seguir em frente e fazer um curso universitário. Ele respondeu que apenas uma o tinha feito, e ela estava na Cornell¹².

Por vezes, os outros também fazem perguntas e, há alguns anos, um amigo branco perguntou-me: “Como é que os homens da tua raça parecem ultrapassar as mulheres em termos de realização mental?”. “Oh”, disse eu, “na medida em que é verdade, os homens, suponho, pela vida que levam, ganham mais com o contato; e na medida em que é apenas aparente, penso que as mulheres são mais calmas. Não se sentem obrigadas a subir a um barril e a discursar a toda a hora sempre que imaginam ter produzido uma ideia”.

Mas tenho a certeza de que há outra razão que não achei adequado dar naquela época.. A atmosfera, os padrões, as exigências do nosso pequeno mundo não proporcionam qualquer estímulo especial ao desenvolvimento feminino.

Não é ser uma coisa graciosa de se dizer, mas parece-me verdade que, embora os nossos homens parecem estar completamente a par dos tempos em quase todos os outros assuntos, quando abordam a questão da mulher recuam para a lógica do século XVI. Eles não deixam nada a desejar em geral no que diz respeito à galanteria e ao cavalheirismo mas, na verdade, por vezes, não parecem ter ultrapassado aquele velho contemporâneo do cavalheirismo – a ideia de que as mulheres podem ficar em pedestais ou viver em casas de bonecas (se por acaso as tiverem), mas não devem franzir as sobrancelhas com o pensamento ou tentar ajudar os homens a resolver as grandes questões do mundo. Receio que a maioria dos homens de cor ainda não ache que valha a pena que as mulheres aspirem ao ensino superior. Não são muitos os que subscrevem as ideias “avançadas” de Grant Allen já citadas. Os três R’s, um pouco de música e uma boa dose de dança, uma costureira de primeira e um frasco de bálsamo de magnólia, são geralmente suficientes para tornar encantadora qualquer mulher que possua tato e a capacidade de adorar a masculinidade.

Meus leitores me perdoarão por ilustrar o meu ponto de vista e também por dar um razão para o medo que há em mim, através de um pouco de experiência pessoal. Quando era

12 Formou-se no Curso Científico em junho de 1890, a primeira mulher negra a se formar em Cornell.

criança, fui colocada numa escola perto de casa que professava ser normal e universitária, ou seja, preparar professores para jovens de cor, fornecer candidatos para o ministério e oferecer formação universitária para aqueles que estivessem prontos para isso. Bem, passado algum tempo, descobri que tinha muito tempo livre. Tinha devorado o que me era apresentado e, tal como *Oliver Twist*, estava olhando ao redor para pedir mais. Sentia constantemente (como suponho que muitas garotas ambiciosas já sentiram) um bater interior que não era respondido por qualquer aceno exterior. Aulas atrás de aulas foram organizadas para estes candidatos a ministros (muitos deles homens que já pregavam antes de eu nascer). Esperava-se que eu entrasse em cada uma dessas turmas, com a única intenção, pensava eu na época, de permitir que o velho e querido diretor, enquanto olhava os semblantes vazios da sua velha e sonolenta turma para onde eu estava sentada, fizesse o seu trocadilho solitário – o seu gracejo infalível, especialmente em clima quente – que era, quando ele gritava “Qualquer um!”, que “*qualquer um*” significava então “*Annie um*”.

Por fim, uma turma de grego seria formada. Meu inspirador preceptor informou-me que grego nunca tinha sido ensinado na escola, mas que iria formar uma turma para os candidatos ao ministério e que, se eu quisesse, poderia juntar-me a ela. Respondi – humildemente, espero, como se torna uma mulher da espécie humana – que gostaria muito de estudar grego e que estava grata pela oportunidade, e assim foi. Um rapaz, por mais escasso que fosse seu equipamento e superficiais que fossem as suas pretensões, bastava declarar uma intenção flutuante de estudar teologia e podia obter todo o apoio, encorajamento e estímulo de que necessitasse, ser dispensado do trabalho e investido de antemão de toda a dignidade do seu distante cargo. Enquanto uma garota autossuficiente tinha de lutar dando aulas no verão e trabalhando depois do horário escolar para poder pagar as contas da casa e, na verdade, lutar contra os desincentivos positivos ao ensino superior; até que um dia uma dessas garotas se exaltou e disse ao diretor que “a única missão que se abria a uma garota da sua escola era casar com um desses candidatos”. Ele disse que não sabia, mas era. E quando, finalmente, essa mesma garota anunciou o seu desejo e intenção de ir para a universidade, foi recebida com a mesma incredulidade e consternação como se um botão de latão no casaco de um desses candidatos tivesse proposto um novo método para a quadratura do círculo ou a trissecção do arco.

Não se trata de uma imaginação. É uma fotografia simples e sem verniz, e o que eu acredito não era, naquele tempo, excepcional nas escolas de cor, e peço aos homens e mulheres que são professores e colaboradores para os mais altos interesses da raça, que dêem uma oportunidade às garotas! Poderíamos muito bem esperar cultivar árvores a partir de folhas, como esperar construir uma civilização ou uma masculinidade sem ter em consideração as nossas mulheres e a vida doméstica feita por elas, que deve ser a raiz e o fundamento de toda a questão. Vamos insistir, pois, num incentivo especial à educação das nossas mulheres e um

cuidado especial em sua formação. Façamos com que as nossas garotas sintam que esperamos delas algo mais do que apenas serem bonitas e aparecerem bem na sociedade. Ensinem-lhes que há uma raça com necessidades especiais que elas e somente elas podem ajudar; que o mundo precisa e já está pedindo por suas forças treinadas e eficientes. Por fim, se houver uma garota ambiciosa, com coragem e cérebro, que queira seguir um curso superior, encorajem-na a aproveitá-la ao máximo. Que se ouça o mesmo som de trombetas e palmas que se ouve quando um rapaz anuncia a sua determinação de entrar nas listas; e depois, como vocês sabem que ela é fisicamente a mais fraca dos dois, não se afaste e a deixe bater nas ondas sozinha. Deixe-a saber que teu coração a acompanha, que a tua mão, embora ela não o veja, está pronta a apoiá-la. Para ser clara, quero dizer que dinheiro seja levantado e bolsas de estudo sejam fundadas em nossas faculdades e universidades para jovens mulheres dignas e auto suficientes, para compensar e equilibrar a ajuda que pode sempre ser encontrada para os rapazes que estudarão teologia.

A jovem cristã sincera e bem treinada, como professora, como dona de casa, como esposa, mãe ou até mesmo como influência silenciosa, é uma agência missionária tão potente entre nosso povo quanto o teólogo; e eu afirmo que, no estágio atual de nosso desenvolvimento no Sul, ela é ainda mais importante e necessária.

Vamos então, aqui e agora, reconhecer esta força e aproveitá-la ao máximo – não menos os rapazes, mas mais as garotas.

Anna Julia Cooper

Anna Julia Cooper (1858–1964) foi uma educadora, escritora e ativista norte-americana. Nascida escravizada nos Estados Unidos, formou-se em Matemática e tornou-se uma das primeiras mulheres negras a obter um doutorado. Presidiu a Universidade Frelinghuysen, voltada ao ensino de estudantes afro-americanos, e destacou-se como pensadora pioneira do feminismo negro. Seu livro *A Voice from the South* (1892) é considerado um marco na teoria da interseccionalidade.

Ingrid de Aquino Godinho (tradutora)

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6847-4194>. E-mail: iaquino@uff.br Colaboração: Redação, revisão, tradução e revisão da tradução.

Juliana Vinuto (tradutora)

Professora do departamento de sociologia, do Programa de Pós-graduação em Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito. Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ID ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6035-4463>. E-mail: julianavinuto@id.uff.br. Colaboração: Redação, revisão, tradução e revisão da tradução.